

# SHOBOGENZO

---

comentários aos capítulos

# Jinzu

# O-saku-sendaba

---

**MESTRE TOKUDA**

seshin **PARIS** agosto **2003**

## TEISHÔ nº1

---

Durante este *sesshin* de fim de semana, vou tratar do capítulo “Jinzu” do Shobogenzo. Desde o último *sesshin* em Eitaiji, estudamos, entre outros, o capítulo “Muchu-setsumu” “Pregar um sonho dentro de um sonho”. Se para a maioria de nós, o sonho não é senão um produto de nossas imaginações que fabrica cenas e imagens sem consistência, para Dogen Zenji este sonho é *tathata* “a natureza do buda”. “Pregar um sonho dentro de um sonho” pode ter suas origens dentro de um sutra, pode ser uma questão do Buda que quando ele começou a falar, seus propósitos se tornaram então um sutra.

Na leitura do Shobogenzo e especialmente dos capítulos “Kuge” “As flores do vazio”, Katto “O entrelaçamento dos cipós” e “Jinzu” “Poderes sobrenaturais”, constatamos que Dogen Zenji quebra nosso senso comum. Hoje vamos ver o capítulo “Jinzu”.

Leitura de “Jinzu” (Volume 2, capítulo 25, p. 72)

O Mestre zen Dai-i é o trigésimo sétimo patriarca na linha que descende diretamente do Tathagata Shakyamuni e ele é o sucessor do Dharma de Hyakujo Dai-chi. Os numerosos patriarcas budistas de hoje em dia que floresceram nas dez direções, mesmo aqueles que não são descendentes longínquos de Dai-i, nada mais são que descendentes longínquos de Dai-i. Uma vez, quando Dai-i estava deitado, Kyozan veio lhe ver. Dai-i voltou-se então para encarar o muro. Kyozan disse: “Ejaku é o discípulo do mestre. Não mostre suas costas para ele!” Dai-i se levantou. Kyozan então estava prestes a ir embora, mas Dai-i o chamou: “Discípulo Jaku!” Kyozan voltou, Dai-i lhe disse: “Deixe que este velho monge que sou eu lhe contar seu sonho”. Kyozan abaixou sua cabeça pronto para ouvir. Dai-i disse: “Vejamos se você consegue adivinhar o que quer dizer este sonho”. Kyozan trouxe uma tigela de água e uma toalha. Dai-i limpou seu rosto. Depois de ter lavado seu rosto, ele sentou-se brevemente e Kyogen chegou. Dai-i lhe disse: “Eu e o discípulo Jaku estávamos praticando um poder místico. Nada tem a ver com os pequenos poderes do pequeno veículo”. Kyogen disse: “Vi tudo claramente”. Dai-i disse: “Então, discípulo, é necessário dizer algo!” Kyogen foi lhe preparar um chá, trazendo uma xícara do mesmo. Dai-i o cumprimentou, dizendo: “Os poderes místicos e a sabedoria de vocês, meus dois discípulos, são vastamente superiores àqueles de Sariputra e de Maudgalyayana”.

Para Dogen Zenji o fato de ter poderes sobrenaturais (*jinzu*) nada tem de misterioso, de especial, muito pelo contrário, é uma questão de bom senso. Há mais de setecentos e cinquenta anos que Dogen Zenji afirmava que no domínio da prática não existe qualquer diferença entre homem e mulher, o que importa é se esta pessoa possui o *satori* ou não. No capítulo “Raihai-tokuzui” está dito: “Nós respeitamos, nós nos prosternamos diante daquela pessoa que tem a realização do *satori*”. Na época de Dogen Zenji, certos lugares considerados sagrados eram interditos ao acesso, especialmente das mulheres. Dogen Zenji quanto a si mesmo, não via em que as mulheres eram culpadas. Um tal bom senso é completamente digno de nota numa época tão antiga, considerando que no momento atual, na nossa

época de ciência, achamos ainda pessoas de pontos de vista errôneos que consideram as mulheres como seres inferiores.

Como, no nome da religião, podemos afirmar que com um treinamento específico, podemos obter poderes específicos como por exemplo, voar pelo espaço? No Japão, há alguns anos atrás, um dirigente da seita Aum convidou um mestre zen (cuja intenção não era completamente pura) para ensinar a prática do zazen prometendo a seus clientes que seriam capazes depois de certo tempo, de levitar, de se elevarem a um metro do solo. Este dirigente foi julgado posteriormente por enganar as pessoas. O zen para ele era um meio de ter muito discípulos e com isso muito dinheiro.

Falamos de cinco tipos de poderes: ver à distância: trata-se de um tipo de telepatia, ou de poderes parapsicológicos, que a ciência está começando a estudar; de audição à distância; ler a mente alheia: com o treinamento, compreender a mente e a personalidade de uma outra pessoa vem naturalmente; conhecer as vidas passadas ou as vidas futuras: para nós, resolver a questão da vida e da morte é fundamental; colocar um ponto final à ignorância é igualmente considerado como um tipo de poder.

Para nós, praticantes Zen, estes poderes não são considerados como poderes especiais. Neste extrato de “Jinzu” que acabamos de ler, Dogen Zenji fala de “pequenos poderes sobrenaturais”. O que é o sobrenatural, o grande sobrenatural? Através deste caso de Dai-i (Isan), nós compreendemos que se trata do sobrenatural do Buda, ou seja “o grande sobrenatural” para nós. O objetivo do Zen não é de nos tornar pessoas especiais (existem muitas escolas que propõe soluções para responder a nossos problemas psicológicos), mas ao contrário de nos ensinar a virar pessoas normais, simplesmente isto. Não se trata de nada mais do que isto, mas mesmo assim como é difícil ser normal!

Na história que acabamos de ler, apareceu Isan, Gyozan (ou Kyozan) e Kyogen que são grandes mestres. Isan e Gyozan são os fundadores da escola Igyo. Kyogen, que era muito inteligente e que tinha um grande conhecimento do Budismo, foi de certa questionado por mestre Isan. Depois de ter procurado em vão a resposta em vários livros que ele tinha acumulado durante anos, ele não conseguiu dar sua própria resposta. Sofreu enormemente com isto e desesperado, deixou o mosteiro e se retirou para uma montanha a fim de se consagrar a esta questão. Um dia, quando varria seu jardim, uma pedra voou e se chocou contra um bambu, e com isso ele ganhou a realização. De fato, sua inteligência era um obstáculo ao seu despertar.

Neste mesmo extrato do Jinzu vemos que Kyozan estava prestando uma visita ao seu mestre, Isan, que estava repousando, e o diálogo que se segue não tem nada de especial ou oficial, o mestre e o discípulo fazem trocas muito simples, ligadas à vida cotidiana, mas isso mesmo é a essência do zen.

Para os praticantes que vivem perto de um mestre durante longos anos (este período se chama *zuishin*) há também o *dokusan* (entrevista com o mestre), porque não se passa vinte e quatro horas por dia contemplando a postura um do outro. Nesta relação com o mestre, podem haver talvez momentos difíceis, porque este mestre em quem temos confiança e que tem confiança em nós também, é antes de tudo um ser humano com sua própria personalidade, seus pontos contra, e pontos fracos. O discípulo vai aceitá-lo tal qual ele é ou vai se opor a ele, criticar sua maneira de fazer as coisas, se queixar que tal e tal não é justo... Este então é um momento crítico, delicado, que pode resultar na ruptura definitiva com o mestre, ou então ao contrário, resultar numa relação mais calorosa, mais humana, mais aberta e causar uma tomada de consciência que o mestre, com todas suas fraquezas é buda ao mesmo tempo que é completamente humano. Quando o discípulo não aceita mais o mestre e que o começa ver sob uma luz negativa, inaceitável de seu ponto de vista, então ele deve ir embora.

Quando somos jovens, somos idealistas e temos uma opinião muito bem formada sobre que deveriam ser as coisas e se não achar tal ideal em seu mestre, fica-se decepcionado. Mas se conseguirmos superar estas épocas difíceis, tomamos consciência que o mestre que nos ajudou a descobrir outros aspectos de nós mesmos. Que estes períodos de conflito sejam positivos ou negativos, no fundo, quem pode dizer isto? Somente o futuro dirá, acrescentando que nesta relação entre mestre e discípulo, existe algo como o destino.

No Eihei-shingi, no capítulo Daitaiko-gogejari que trata dos antigos, Dogen Zenji diz que se deve respeitar aqueles que praticaram há mais de cinco anos que nós e não devemos os criticar se cometerem erros.

Eu ignoro se a deferência para com os mais velhos é o resultado da influência do Confucionismo, mas no Japão, esta ética está muito presente, e também marca presença no Budismo. Na França me parece que esta tradição é menos marcante.

O discípulo, sendo um discípulo, o mestre sendo um mestre, uma pessoa sendo uma pessoa, é suficiente aceitá-los como eles são. Em caso contrário, se opera uma mudança brutal e não existe mais mestre ou discípulo, se bem que em tal caso também possa acontecer algo de interessante. A transmissão do Dharma não é somente a transmissão de budas a patriarcas, é também a transmissão de uma pessoa a uma outra pessoa. Um buda não é um buda dourado ou um mestre celeste, é uma pessoa normal.

No extrato “Jinzu” citado mais acima, está dito que o discípulo entrou no quarto do mestre quando este último fazia a sesta. Se bem que o texto não diga nada a respeito, podemos supor que o mestre fica embaraçado de ser surpreendido em seu momento de fraqueza e esta talvez seja a razão pela qual ele se voltou para a parede. Podemos compreendê-lo! Mas o discípulo pode ficar espantado de ver o mestre fazendo uma sesta ao invés de fazer o *samu*, por exemplo. Não é fácil viver assim, vinte quatro horas por vinte quatro horas!

No Zen, dizemos que quando estamos sozinhos devemos nos comportar como se estivéssemos cercados de muitas pessoas, e se estivermos cercados de muitas pessoas, deveríamos nos comportar como se estivéssemos sozinhos, quer dizer, relaxados, à vontade, sem querer ficar na frente de tudo. Isto me faz pensar nos apresentadores de televisão, que achando que não há mais o foco da câmara sobre si, começam a falar palavrões, diante dos telespectadores...

Ficar relaxado, se comportar de forma normal, ficar natural diante daqueles que nos cercam, é relativamente fácil, mas quando se está sozinho é muito difícil, muito sério, é o que se chama “encontrar Deus em seu quarto”; em tais momentos, não há nem gravata, nem calçados, se está completamente nu, em contato direto consigo mesmo.

Kyozan deixou entender a seu mestre que ele não precisava ficar embaraçado diante de seu discípulo. Com isto o mestre disse: “Tive um sonho, você o pode adivinhar?” Kyozan não respondeu, ele se inclinou. No Zen, o silêncio consecutivo a uma pergunta é muito importante, aparece freqüentemente. Um exemplo: “O que é Buda?” O mestre entra no *ryokyu*, este estado quando ele guarda um pequeno silêncio que quer dizer “Compreende?” (Na maioria das vezes o discípulo responde: “Não”) Neste pequeno silêncio, existe tudo, neste silêncio Isan contou seu sonho e Kyozan que se inclinou e ficou ouvindo, quer dizer que ele ouve este silêncio. O mestre então disse: “Me dê uma interpretação deste sonho”. Kyozan se levantou e imediatamente trouxe uma tigela com água e uma toalha, porque depois da sesta, é necessário lavar o rosto. Então se desenrola este pequeno jogo de adivinhações sobre os poderes misteriosos, Kyogen, um outro discípulo do mestre Isan chegou também e quis participar: imediatamente, ele saiu para fazer o chá e trouxe uma xícara de chá. Isso é perfeito. Isan ficou muito feliz porque tinha dois grandes discípulos e acrescentou que eles

estavam de longe acima de Maudgalyayana, especialista de poderes sobrenaturais e a Sariputra, aquele que compreendia melhor a vacuidade.

Estes poderes sobrenaturais que de fato não são poderes especiais, podem se manifestar na vida cotidiana e se os temos, está tudo bem. Um exemplo: no Japão, os casais casados há muito tempo, se compreendem perfeitamente sem que uma só palavra seja dita, e a esposa estava sempre muito atenta às necessidades de seu marido. Estou falando aqui do Japão da época que eu saí de lá, ou seja, há trinta e cinco anos, porque hoje em dia, se o marido pede à sua esposa de ir pegar um cigarro para ele, ela lhe responderá com um tom seco de ir ele mesmo pegar o cigarro. E se ele quiser acender o cigarro, ele mesmo é que tem que achar fósforos e não esquecer também de trazer um cinzeiro. É assim, não mais se compreende um ao outro, a expressão sendo: dormimos no mesmo leito e temos sonhos diferentes. Marido e mulher não estando mais à escuta um do outro, começam a se repreender por coisas insignificantes, se distanciam um do outro e freqüentemente acabam por se separar. É certo que não é fácil viver juntos quando saímos de meios tão diferentes um do outro. Imaginem o que ocorre então para mestre e discípulo! No Budismo, dizemos que se as pessoas se encontram, é que já tinham tido contato em vidas passadas. A relação pai-mãe-criança não se produz senão no decurso de uma geração; um casal se encontra durante duas gerações; quanto ao encontro de mestre e discípulo, são três gerações, ou seja, a vida precedente, a vida presente e aquele do futuro. Mesmo assim, o importante é a relação particular entre mestre e discípulo no que toca à transmissão do Dharma, ou seja a passagem de uma geração à outra, a passagem da responsabilidade das relações. Nós atravessamos um período crítico, porque no Japão esta transmissão não se produz mais como antigamente. O Oriente chegou ao Ocidente e o Dharma agora está se transplantando para uma cultura diferente, com tradições diferentes, com perspectivas diferentes. Estou muito curioso para ver como o Budismo, quer seja a escola Zen, a Tibetana, a Theravada vão evoluir no Ocidente e especialmente na França. Não quero dizer que esteja especialmente orgulhoso de minha linhagem, não sou senão um elemento desta passagem. Arnold Toynbee já disse que este seria o maior acontecimento do século 21, o movimento do Budismo do leste para o oeste e não o fato que o homem tenha chegado à lua.

Aquilo que Mestre Dogen chamou de “poderes sobrenaturais”, são de fato os poderes da vida cotidiana. É uma grande força, é a força do Buda.

Tomemos o exemplo de Mestre Obaku, o mestre de Rinzai, que é um grande mestre: quando estava em peregrinação, a ele se juntou um brâmane com uma fisionomia muito especial e com um comportamento um pouco estranho. Viajaram juntos até que chegaram às margens de um grande rio. Como deviam chegar ao outro lado do rio e não havia ponte, o brâmane continuou a andar sobre a água (como Jesus). Chegando no meio do rio, ele se voltou e convidou ao Mestre Obaku a seguir o seu exemplo. Em resposta, Obaku lhe disse: “Se eu tivesse sabido que você era assim, eu teria lhe dado uma surra com meu bastão!” O brâmane se juntou a Obaku na margem, se prosternou e disse: “Você realmente é um grande mestre do grande veículo”, e desapareceu. Neste história vemos de um lado uma pessoa que demonstra um poder sobrenatural – que não está ao alcance de todo mundo – e de um outro, um mestre, que não somente não ficou impressionado, mas que o criticou severamente. É a força do mestre. É certo que para adquirir e dominar estes poderes é necessário muito treinamento, e certos lugares, certos momentos, certas condições podem ser obstáculos para que eles se produzam; na Índia, existem ainda gurus que desenvolveram tais poderes e numerosos Ocidentais se deslocam até lá para os consultar e admirar. Estes gurus pegam uma nota qualquer, a colocam na mão e ô milagre! Quando abrem a mão, o dinheiro se transformou em notas de cem dólares...

Finalmente, vocês acham que praticando a magia, vão resolver os problemas econômicos do mundo? O maior dos milagres é que o Budismo se transmita no mundo e que ajude a

colocar um ponto final às guerras, à destruição da natureza, ou em todos casos que ele tente influenciar os acontecimentos neste sentido. Este é o grande milagre.

## TEISHÔ nº2

---

Leitura de “Jinzu” (volume 2, capítulo 25, p. 75)

O leigo Ho-on era um grande personagem nas ordens dos patriarcas. Ele participava das comunidades de Kozei, e da de Sekito; ele encontrou e debateu com numerosos mestres autênticos que possuíam a verdade. De certa feita ele disse:

“O poder místico é a função maravilhosa,

Transportar água e cortar lenha para o fogo”.

Precisamos estudar muito atentamente esta verdade. “Transportar água” quer dizer pegar água e a colocar em algum lugar. Sabendo que existe nosso próprio trabalho e nossa própria motivação e sabendo que existe o trabalho de outros e a motivação de outros, a água se acha em situação de ser transportada. Isso é simplesmente o estado poderoso e misterioso de um buda. Podemos dizer que conhecer é a existência-tempo, mas o poder místico é somente o poder místico. Mesmo sem o conhecimento de uma pessoa, este estado do Dharma não se apaga e este do Dharma é o Dharma e não morre. Mesmo se a pessoa não souber disto, este estado do Dharma é o Dharma mesmo. Mesmo se pessoa não souber que transportar água é o poder místico, o estado de transportar água enquanto poder místico não regressa. “Cortar lenha para o fogo” que dizer transportar madeira para se servir dela como combustível – como por exemplo o Sexto Patriarca o fazia nos dias de antigamente. Mesmo se não soubermos reconhecer que os três mil atos da manhã são o poder místico, em todos estes atos o poder místico está realizado. Na verdade, aqueles que vêem e que ouvem o poder místico e a função maravilhosa dos budas que vêem assim são sem dúvida alguma capazes de ouvir a verdade. Assim, atingir a verdade de todos os budas foi realizada em todos os casos, pela força deste poder místico. Então é necessário que estudemos que *emitir água* (expressão) do pequeno veículo é um pequeno poder místico, enquanto que *transportar água* é um grande poder místico. *Transportar água e cortar lenha para o fogo* não foram jamais abandonados e as pessoas não os negligenciaram. Então eles chegaram seguindo o sentido antigo até presente; e isto que foi transmitido daqui para os outros, não será senão um instante de regressão ou de desvio, é o poder místico e a função maravilhosa. É o grande poder místico. Isso não pode nunca ser a mesma coisa que os pequenos poderes do pequeno veículo.

Aqui está aparecendo um outro caso, aquele do leigo Ho-on (ch. Leigo P’ang). Na história do Zen existem muitos leigos como Ho-on que ficaram célebres e muito fortes. Os leigos não são monges, às vezes têm uma família, às vezes não têm e neste caso vivem sós, mas todos praticam com mestres e obtêm a realização. Todos os mestre da escola Rinzaï inclusive Daisetz Suzuki respeitavam profundamente este leigo Ho-on.

Dentre os praticantes leigos no Japão houve Nishida<sup>1</sup>, professor da universidade de Kyoto e seu discípulo Hisamatsu Shin'ichi, igualmente professor nesta mesma universidade. Na escola Soto, muitos leigos estudaram com Mestre Sawaki e cada um deles tinha uma profissão, viviam no mundo e todos praticavam o Zen.

Mestre Dogen diz que transportar água e cortar lenha, é isso o poder místico. Em Eitaiji neste momento faz calor, mas para preparar para o inverno cortamos madeira e a empilhamos. O poder místico é a vida normal num mosteiro. O que faz a diferença? No mosteiro seguimos um emprego do tempo muito preciso: de manhã, fazemos *zazen*, em seguida temos a cerimônia; em seguida trocamos de roupa e fazemos o *samu*; este *samu* é chamado *nitten soji* “a grande limpeza em seu quarto”, limpamos igualmente do lado de fora, no outono ensacamos as folhas mortas que caem no jardim e este trabalho deve ser feito todos os dias. Durante o *samu*, que dura cerca de trinta minutos entre o fim do *zazen* e o desjejum, certas pessoas vão para seus quartos e dormem. Eu nunca ralho com ninguém, porque na escola Soto não obrigamos aos praticantes a fazer aquilo que supostamente deveriam estar fazendo, simplesmente observamos aquilo que fazem. Mas ao contrário disso, cada manhã outras pessoas se consagram completamente às tarefas da vida cotidiana, que elas não consideram como algo de especial mostrando assim seus *zazen* durante o movimento, o que chamamos de a “função maravilhosa”.

Pensamos erradamente que o *zazen* e o estudo são o que existe de mais importante na prática e negligenciamos certas coisas tais como a limpeza; na escola Zen, o fato de limpar tem o mesmo valor que a sentada, se trata do estudo no movimento. Por que uma tal diferença de espírito entre os praticantes? Porque cada um tem sua própria consciência, que todas as atividades provêm da consciência e mesmo de níveis inconscientes mais profundos.

Nós já estudamos o *Yuishiki* e vimos que a primeira consciência a ser trocada é nossa consciência egocêntrica que muda para a sabedoria da igualdade; a última é a consciência de *alaya* que, quando ela se transforma leva junto consigo as consciências associadas aos cinco órgãos dos sentidos a se transformarem por sua vez.

As seis consciências são os cinco sentidos e o mental através dos quais nós vemos os objetos enquanto formas, percebemos os odores, ouvimos os sons, apreciamos o gosto, o contato físico. É o primeiro contato com o mundo que se modifica quando a consciência *alaya* mais profunda se modifica. Mas quem pode limpar com consciência, com delicadeza, com concentração? Quem pode fazer isto? Somente uma pessoa realizada pode conseguir isto. Se não houver uma transformação da consciência, todo este tempo consagrado à limpeza não terá efeito algum, porque você o realizará por obrigação.

Eu me lembro de um caso de Meister Eckhart: Marta e Maria acolhiam Jesus em suas casas. Enquanto Jesus ensinava (no budismo diríamos que ele estava falando do *dharmā*), Maria estava sentada a seu lado, ouvindo concentrada, enquanto que Marta, mais velha e mais experiente do que Maria, foi para a cozinha e começou a preparar a refeição para seus hóspedes. Vemos então Marta muito ocupada enquanto que Maria ouvia o ensinamento de Jesus. Então Marta disse a Jesus: “Por que você não lhe pede que me ajude um pouco?” Jesus disse: “Marta, Marta, uma só coisa de cada vez, o importante é aquilo que você escolheu fazer”. É voz corrente e todos acham que Jesus estava desaprovando Marta e que estava lhe chamando atenção por estar ocupada demais, de se dispersar em vez de se consagrar a uma só coisa; Meister Eckhart, contudo, diz que citar o nome de Marta duas vezes, mostra que ele estava na realidade aprovando Marta.

---

<sup>1</sup> Nishida Kitaro (1870-1945) foi um dos criadores da “Escola de Kyoto”.

Eu não conheço as regras dos conventos das religiosas na França, mas no Brasil, se elas provêm de uma família rica, ficam dispensadas de certos trabalhos, por exemplo da limpeza, da cozinha etc., podem ficar em seus quartos estudando, rezando, meditando. Estas religiosas isentadas das tarefas domésticas dão uma importante soma de dinheiro para entrar no convento e aquelas que não têm meios são aceitas sem pagar e em troca da comida e da moradia, elas devem trabalhar. Estas religiosas, chamadas Martinhas, são um pouco consideradas como de segunda classe.

Os mosteiros Zen têm sete construções principais: 1) entrada principal (*sanmon*); 2) o pavilhão de Buda (*butsuden*); 3) a sala de cerimônias e de ensinamento (*batto*); o *zazendo* (*sodo*); 5) a cozinha (*kuin*); 6) a sala de banho (*yokushitsu*); e 7) os banheiros (*tosu*).

Todas estas construções, quer sejam a cozinha, o banheiro, o banho, são lugares de prática da mesma importância que o *zazendo*. Em certos mosteiros, existe às vezes uma biblioteca ou uma torre para conservar objetos sagrados, mas estas construções não entram na categoria das sete construções principais. Quando entramos no mosteiro, começamos primeiramente por entrar no *zazendo* e sentamos durante seis meses a um ano; em seguida nos consagramos a cada uma das seções que representam cada construção e enquanto assistentes estudamos o funcionamento do mosteiro: podemos por exemplo nos consagrar a trocar as flores do Buda, sendo compreendido que as tarefas consideradas mais difíceis são aquelas mais sujas como limpar os banheiros, são aquelas reservadas para os veteranos, se bem que cada *samu*, cada ação (por exemplo, a sesta) tem o mesmo valor. O mestre tem um assistente que se ocupa de tudo.

Para voltar a Meister Eckhart, vemos que ele se distancia da interpretação habitual quanto a Marta e que ele interpreta a observação de Jesus a Marta como um reconhecimento de sua experiência que poderia ser *kensho* ou *satori*. Ele subentende: Não se inquiete, um dia Maria será como você. Foi o que aconteceu de qualquer maneira depois da crucifixão, quando Maria veio para ajudar aos discípulos, preparando suas refeições, dando-lhes alimento. Aqui falamos do “uno”. O que é o “uno”? Aqui também existem muitas interpretações, a mais corrente, como já disse mais acima, é que Marta estava errada e Maria estava certa. Mas o que é este “uno”? No Cristianismo dizemos que este “uno” é o amor e que Deus ama todos os seres inclusive os não Cristãos. É a definição mais corrente do Cristianismo, mas para Meister Eckhart, o mais importante não é o amor, mas aquilo que chamamos em Japonês de *Ridatsu* ou *hoge*, “abandonar”, “renunciar” “deixar cair”, ou seja abandonar o ego. No “eu amo Deus”, existe “Deus e eu” – duas coisas separadas – não existe ainda a união, mas quando “abandonamos”, quando toda idéia de ego desaparece, então Deus é obrigado a entrar em nós. Deus não está atrás de uma porta que abrimos para rogar que ele entre: Ele está no interior e Ele espera mas não pode entrar porque existe muitas coisas no interior. É como a seguinte história Zen: um praticante prestou uma visita a um mestre Zen, e lhe pediu que falasse do Zen e sem esperar que o mestre respondesse, começou a falar de si mesmo essencialmente, de suas experiências, dos livros que havia lido... o mestre serviu o chá, e quando a taça estava cheia, ele continuou a colocar mais chá, a taça transbordou e o chá encheu a mesa. Vendo que o líquido transbordava, o praticante se afobou e pediu ao mestre que parasse de colocar chá. Com este gesto o mestre quis ensinar que quando o recipiente está cheio, nada mais pode entrar. Para Meister Eckhart, o abandono é a coisa primordial, e é necessário imediatamente limpar tudo que temos no interior de nós mesmos. E se conseguirmos isso, no instante do abandono, Deus entra imediatamente, não existe nenhum intervalo entre o abandono e a entrada de Deus. Quando Marta trabalhava na cozinha, ela estava preocupada e o fato mesmo de estar preocupada é um entrave. Ela não estava “ocupada”, mas “preocupada”, a saber ela antecipava o que devia fazer, por exemplo como receber da melhor forma possível os visitantes, como os tratar com delicadeza, eis com o que ela se preocupava.

Mestre Sawaki contava a seguinte história: dois discípulos tinham vindo praticar com ele, e um deles era uma criança de dez anos; separados de suas famílias, certas crianças ficam desesperadas e choram. Mestre Sawaki partia do princípio que se uma criança chora, está na sua função de criança, e neste caso não é um problema. Então ele não interveio e finalmente eles partiram, porque tinham necessidade de atenção.

Hoje em dia existe no Japão um grande problema: pequenas crianças cujas mães trabalham ficam sozinhas em casa, olhando a televisão, jogando vídeo games, a televisão virou um baby-sitter. Mas depois de vários anos, a criança não pode sequer falar direito mais. Esta história da criança parece fora de contexto, mas quero sublinhar a que ponto é importante se consagrar aos outros, espontaneamente, nem conscientemente nem inconscientemente e ao mesmo tempo conscientemente e inconscientemente, de fato estar voltado para o outro.

Ser místico, como se diz de Meister Eckhart, que se considera como um grande mestre místico, é segundo o Budismo Zen, estar presente em todos os atos da vida cotidiana. Meister Eckhart era um grande predicador – fez uma quantidade de sermões – seu saber era enorme, era um grande mestre da vida. Mas, fora da meditação e do estudo, ele estava encarregado da direção espiritual de numerosos conventos, estava sempre em movimento.

Há cinco anos, fui ao Japão e participei de um *ango* num mosteiro que recebia estrangeiros. Tendo chegado antes do começo do *ango* (os professores estão autorizados a encurtar suas estadias se quiserem), então antes dos outros, eu tinha um recuo suficiente para observar os participantes ocidentais e uma simples olhada era suficiente para detectar seus problemas. Estes praticantes sofriam, é claro, do choque cultural, de se acharem num mosteiro totalmente diferente daquilo que conheciam e de não ter em momento algum um espaço particular. Mas acima de tudo lhes faltava a motivação para realizar todas as atividades do programa cotidiano do mosteiro. Tudo isso deslanchava problemas psicossomáticos que se manifestavam por insônias, enfraquecimento, perda de apetite, tristeza, depressão, (o que demonstra a que ponto o corpo é importante) e contavam os dias antes de suas partidas. Neste caso, uma simples palavra ou gesto era suficiente para resolver o problema. Tudo pode ficar abalado quando nos projetamos numa cultura diferente da nossa. Cremos que é necessário estudar para em seguida chegarmos ao *kensho* (realização), quando de fato é necessário estudar o caminho com o corpo. Utilizar o corpo, como isso é importante! A vida monástica é muito equilibrada: há o *zazen* principalmente, mas não unicamente; há o trabalho, a mendicação (*takuhatsu*) ou seja, marchar trinta quilômetros por dia com o corpo e o espírito juntos para ir muito longe. Vocês começam talvez a compreender porque eu quis fundar este mosteiro em Eitai-ji.

Leitura de “Jinzu” (volume 2, capítulo 25 p. 79)

*O Grande Mestre Esbo do templo Rinzai-in disse: “Uma pessoa dos tempos antigos dizia: (...) Você dizia que o Buda tem seis poderes, que estão além do pensamento. Mas todos os deuses, os feiticeiros, os asuras e os possantes demônios também têm poderes místicos – eles podem ou não ser budas? Vocês que seguem o caminho, não façam erros! Quando Asura combatia o rei dos deuses Indra e quando estava prestes a perder a batalha, levou quarenta mil de seus seguidores para um esconderijo dentro dos buracos das raízes de lótus, isso não era sagrado não é mesmo? No exemplo que acabo de citar, tudo era devido aos poderes kármicos e aos poderes interdependentes. Agora os seis poderes de um buda não são assim. Quando um buda entra no mundo da visão, ele não pode ser abusado pela visão. Quando ele entra no mundo dos sons, não pode ser abusado pelos sons. Quando entra no mundo dos odores, não pode ser abusado pelos odores. Quando ele entra no mundo da sensação, ele não é abusado pela sensação. Quando ele entra no mundo do dharma, ele não é abusado pelo mundo do dharma. Então, quando uma pessoa realiza que as seis categorias – visão, som, odor, gosto, sensação e o dharma – são todas manifestações puras, então nada pode entrar esta pessoa da verdade que não segura nada. Se bem que este estado seja uma substância que provém dos cinco agregados, é somente o poder místico que caminha sobre o solo. Vocês que seguem o caminho! O verdadeiro buda não tem uma forma fixa e o verdadeiro Dharma não tem uma forma fixa. Vocês não fazem senão compor imagens e inventar situações sobre a base de uma transformação fantástica. Mesmo que vocês acharem que buscam, todas estas coisas são fantasmas de raposas selvagens – não são nunca o estado verdadeiro de um buda, mas somente pontos de vista e opiniões de não budistas”.*

Assim os seis poderes místicos dos budas não podem nem ser atingidos nem serem supostos pelos deuses e demônios ou pelos dois veículos e tudo que se parece com isso. Os poderes do estado verdadeiro do Buda são transmitidos face a face somente aos discípulos do Buda que estão no estado da verdade do Buda; não são transmitidos a qualquer outra coisa que seja. Os seis poderes de um buda são transmitidos face a face no estado da verdade do Buda. Aqueles que não receberam a transmissão face a face não podem conhecer os seis poderes de um buda. E é necessário que aprendamos pela experiência que aqueles que não receberam a transmissão face a face dos seis poderes de um buda não podem ser pessoas da verdade do Buda.

Aqui o Mestre Rinzai faz referência a uma história da mitologia Hindu: a filha de Asura se casou com o deus Indra, mas certo dia, vendo Indra num jardim em companhia de uma outra mulher, ficou com muitos ciúmes. Ela contou esta história a seu pai, Asura, que ficou encolerizado e enviou soldados para combater Indra. No começo Asura ganhou, mas pouco tempo depois a montanha começou a tremer porque Indra, tendo implorado aos demais deuses recebeu de um deles o mantra de Prajnaparamita. Asura foi vencido e foi se escondendo.

der nos buracos de uma raiz de lótus com quarenta mil de seus seguidores. É como a mitologia grega ou romana onde deuses ciumentos se batem entre si. Mestre Rinzai reconheceu a existência dos poderes místicos, mas ele os atribui ao karma. Asura é, como na mitologia Cristã, o arcanjo Lúcifer que se opõe a Deus e que será derrotado. Mestre Rinzai diz que estes poderes (que não podem se desenvolver sem uma prática específica, por exemplo, com as artes marciais) são de fato fantasmas de raposas selvagens.

Um feiticeiro foi de certa feita visitar o Buda e lhe disse: “Eu tenho os cinco poderes místicos, você tem seis, qual é este sexto?” o Buda lhe chamou: “Feiticeiro!” “Sim”. “O que é isto?” Dogen Zenji diz que os outros deuses têm, como Asura, poderes místicos, mas estes poderes não podem ser comparados aos poderes místicos do Buda.

Quanto a isto, Mestre Rinzai enumera seis categorias de mundos: aqueles da visão, dos sons, dos odores, etc. Quando os seis mundos se tornam vacuidade, ou seja, a sabedoria do prajnaparamita, e quando entramos neste mundo da vacuidade, ninguém pode nos alcançar, porque não existe mais ego, nos tornamos o corpo cósmico (dharmakaya). É o poder mais poderoso, como o mundo do Dharma da escola Kegon, que diz que o pelo de um ouvido pode conter o oceano inteiro.

Todas as pesquisas atualmente da ciência, entre outros, sobre o DNA, se voltam de fato sobre a questão da complexidade.

Nós não temos nenhum poder especial já que não podemos escapar da doença, do envelhecimento e finalmente da morte. Mestre Rinzai diz que o grande poder é o de caminhar sobre o solo. Todos os dias, nós marchamos sobre o solo, persuadidos que esta é uma ação natural e mesmo assim quando e porquê começamos nós a nos levantar e a nos apoiar sobre as duas pernas? Visitando um zoológico e constatando a diferença entre nós e os animais, estas interrogações se tornam ainda mais pertinentes. Como conseguimos utilizar o fogo, a nos comunicar através da linguagem, como chegamos ao pensamento e além disso tudo, como apareceu a vida pela primeira vez? Nós temos tudo aquilo do qual necessitamos, além da capacidade de produzir uma descendência com as mesmas qualidades. Se trata aqui de uma grande, uma muito grande força misteriosa. É por isso que o simples fato de caminhar sobre o solo é a coisa mais extraordinária. Em geral nós utilizamos os seis órgãos dos sentidos – olhos, boca, nariz... – para fins egoístas, mas quando nossa consciência se transforma, nós passamos a utilizar tais coisas para os demais, e é então que os grandes poderes que podem alterar o mundo começam a se manifestar, pois se uma pessoa muda, muitas outras pessoas também mudam por sua vez, muito rapidamente.

Um outro capítulo do Shobogenzo, chamado Kajo, “A vida cotidiana”, conta a seguinte história citada pelo Mestre Nyojo, o mestre de Dogen Zenji: um monge perguntou ao Mestre Hyakujo: “Qual é a coisa mais misteriosa do mundo?” A resposta é muito célebre: “Sentar em cima da montanha de Daiyu-zan”. Esta resposta tem um significado muito profundo. Nyojo Zenji disse: “Se alguém me colocasse esta mesma questão “O que é a coisa mais misteriosa do mundo?”, eu responderia: “Comer todos os dias no templo nesta mesma tigela que uso”. Esta é a coisa mais importante do mundo. Todos os dias, cada *genmai* manhã, nós comemos o, ou bebemos café, chá com pão: são as coisas da vida cotidiana, mas nestas coisas, existe um poder misterioso e importante.

Este capítulo “Jinzu” diz coisas interessantes.

Se hoje em dia, você comeu demais, quereria isso dizer que nos dias seguintes você não mais teria necessidade de comer? Claro, seria necessário comer... A interpretação de Mestre

Dogen é a seguinte: se você fizer o zazen e obtiver o *kensho* ou o *satori*, você não poderia se manter neste estado de despertar, não mais do que se poderia manter um ovo mesmo na geladeira. Talvez que você o conseguisse manter alguns dias, mas além de um mês e esse ovo teria se transformado em pó. Este *satori*, você e eu podemos o obter, mas não se trata de um *satori* para amanhã ou para depois de amanhã, se trata do *satori* somente para agora, e este é um outro treinamento, muito difícil.

No capítulo Daigo está dito “esquecer o *satori*”, ou “brincar com o *satori*”. Se hoje nós obtivermos o *satori*, será o *satori* somente para agora, mas amanhã será necessário sentar novamente e depois de amanhã também. Esta era a questão de Mestre Dogen quando ele começou a praticar: se todos os budas, desde a origem, têm a natureza de buda, por que então praticar para que se manifeste este *satori*?

De fato, quando esta natureza de buda (*hosshin*) se manifesta, a pessoa pratica até que entre no nirvana, em seguida se deve voltar novamente à prática. E como diz este capítulo “Jinzu”, também este é o verdadeiro poder místico. Então o que é diferencia os poderes misteriosos budistas dos outros poderes? No budismo, entramos diretamente em contato com a natureza de buda (*talbata*), do espírito, do logos e simultaneamente, utilizamos nosso corpo para as ações da vida cotidiana em harmonia com este fundamento.

O zen é por vezes paradoxal quando diz: eu tenho uma grande força, quando sopra o vento eu caio por terra. Em geral, achamos que quanto mais fortes ficarmos mais podemos nos opor ao vento, mas quando o vento é realmente violento, então naturalmente caímos por terra.

Aparentemente não existe nada de especial sobre viver neste mundo e realizar as ações da vida cotidiana. Cada um de nós utiliza este poder sem o conhecer. No budismo Zen, nada é misterioso, já que mesmo depois do despertar voltamos uma vez mais a esta vida cotidiana. A questão é: como utilizar este despertar dentro da vida cotidiana? É isso que vamos ver através de um extrato de O-saku-sendaba (“O rei busca *Saindhava*”, um outro capítulo do Shobogenzo).

Leitura de O-saku-sendaba (volume 4, capítulo 81, p. 101-102)

No sutra do Grande Parinirvana, o Honrado pelo Mundo diz: “Por exemplo, é como um grande rei que pergunta a seus seguidores: “Tragam *Saindhava*!” *Saindhava* é uma palavra para quatro produtos: O primeiro é o sal, o segundo são vasilhames, o terceiro é água e o quarto são cavalos. Estas quatro coisas todas têm o mesmo nome. Mesmo assim um assistente sábio é capaz de saber o sentido desta palavra. Se o rei pede por *saindhava* no momento de lavar o rosto, o assistente lhe trará imediatamente água. Se o rei pede *saindhava* no momento de comer, o assistente lhe trará imediatamente o sal. Se o rei pede *saindhava* depois de ter comido, quando quer beber água, o assistente imediatamente trará um copo. Se o rei pede por *saindhava* quando quer sair, o assistente lhe trará imediatamente um cavalo. Um assistente sábio como este é capaz de compreender os quatro objetos da língua secreta de um grande rei”.

Este capítulo nos explica os quatro significados de uma palavra sânscrita. Me vem à mente uma palavra portuguesa “manga”, que quer dizer ao mesmo tempo a manga de uma camisa por exemplo e uma fruta, ou seja dois sentidos diferentes para uma mesma palavra e outras palavras podem ter três ou quatro significados diferentes, como em francês, suponho eu.

No extrato que acabamos de ler, quando o rei pede: “Tragam-me *saindhava*”, o assistente deve compreender quais das *saindhavas* é pedida naquele momento: se eles já estiverem sentados para comer, ele deve trazer o *saindhava* para lavar as mãos; em seguida será um copo; quando se trata de alimento que deve ser temperado, *saindhava* será a pimenta ou o sal; uma vez terminado o prazer de ter comido, quando de novo é pedido *saindhava*, neste caso será um cavalo para ir passear.

Os velhos casais que vivem juntos durante muito tempo não têm mesmo que dizer mais *saindhava*, eles já se compreendem além das palavras. Às vezes existem códigos entre eles: se eles recebem uma visita oficial para assinar um contrato que não é muito importante, quando um deles pede por *saindhava*, o vinho, o outro compreenderá imediatamente que se trata de um vinho bastante comum; ao contrário que os convidados são importantes, *saindhava* será um grande vinho raro...

Na vida cotidiana, com a condição de se ter um coração aberto, podemos ver imediatamente e precisamente aquilo que os outros têm necessidade, sem falar, simplesmente os vendo e mesmo sem ter consciência disto. Isso se produz simplesmente, é algo quase como Kannon, com suas mil mãos e mil olhos que agem livremente. Se bem que nós tenhamos tal poder, na maior parte do tempo não estamos capacitados a utilizá-lo livremente porque em nós algo está quebrado. Não se trata aqui de demonstrar poderes especiais com o objetivo de espantar os demais (algumas pessoas podem, depois de um treinamento específico, desenvolver este tipo de capacidade), mas de fazer aquilo que todo mundo pode fazer graças à nossa prática do budismo, de nos tornarmos pessoas um pouco melhores. Se uma pessoa mudar, o mundo muda.

Podemos constatar isso com o Buda, Jesus Cristo, Sócrates ou Confúcio que jamais ensinaram coisas misteriosas ou diabólicas. No taoísmo – existem numerosos caminhos no taoísmo – existem aqueles que praticam métodos que assegurem a longevidade, mas existem também aqueles monges que se alimentam somente dos frutos nas montanhas a fim de poder voar embora para atingir a vida eterna.

No zen também existem histórias como esta: num curral está um cavalo. Como o tirar dali? Um monge zen vai chamar o nome de alguém – se se tratar de Tokuda, ele vai dizer: “Tokuda!” Tokuda vai responder e monge dirá: “Viu, já saiu!” Chamar e responder é uma coisa que fazemos naturalmente que todos os dias utilizamos sem jamais refletir sobre isso. A questão é de saber como utilizarmos isto; temos tais tipos de poderes misteriosos.

Pergunta: Uma pergunta sobre a história de Marta e Maria. Se Marta tinha já uma tal experiência, por que ela chamou Jesus para que este indicasse a Maria que viesse em sua ajuda? Se Marta estivesse tão avançada por que foi que ela fazia ainda comparações?

Resposta: Pergunta a Marta. Minha resposta é a seguinte: Marta sabia muito bem que ela deveria ainda vencer uma etapa, tinha consciência que deveria voltar a este domínio da ação na vida cotidiana. Sua observação foi feita para chamar atenção para isso. Ela compreendeu que o fato de ouvir a palavra – quer dizer a meditação, o estudo – não é senão o começo e que em seguida é necessário aceder ao domínio onde ela se achava, quer dizer o domínio da ação na vida cotidiana. Então a observação de Marta tem por objetivo assinalar para Maria que siga seu exemplo.

Tomemos o exemplo do mosteiro: quando se é principiante, sentar em zazen é completamente doloroso, de tal forma que quando vemos os responsáveis pelo kyosaku se deslocando pelo dojo, sentimos inveja deles. Mas isso é se esquecer que no inverno, quando faz frio, e os pés estão descalços sobre a laje, e que ficamos expostos à neve e ao vento e a neve penetra no dojo a um tal ponto que nos sentimos enregelados e que ficamos com

dores nos pés... vendo aqueles que estão sentados em zazen e que às vezes dormem, gostaríamos de estar no lugar deles.

Ter um posto importante, como aquele do tenzo por exemplo, é ter que se levantar duas horas antes dos demais, e se praticamos com koans, é ter que trazer a resposta sem ter tempo para tal nem consultar respostas já existentes quanto a estes koans, nem de ter tempo de refletir seriamente sobre eles.

Eu já contei esta história: eu devia ir visitar o tenzo para comprar sandálias de palha para fazer o takuhatsu. Eu bati na porta e ele, com uma voz forte, me disse para entrar e constatei que ele sentava em zazen. Vendo que estava sentado – vi que já estava ali há bastante tempo – tive um choque que me provocou um profundo respeito quanto a ele. Este tenzo é certamente um grande mestre neste momento mesmo.

Existe mesmo aquela história que diz respeito ao Mestre Sawaki. Quando ele foi convidado a participar de uma grande cerimônia, ele estava encarregado de limpar e de prever a alimentação para centenas de pessoas. Depois da cerimônia, recebemos uma doação de dinheiro e um bufê foi colocado à disposição dos participantes. Mas em todos os templos geralmente existe uma velha senhora, empregada pelo templo, e esta velha senhora é sempre muito severa e critica todos constantemente. No templo onde se encontrava Mestre Sawaki, depois das festividades, quando esta velha senhora foi no compartimento da cozinha onde estavam estocados os utensílios, ela viu ali Mestre Sawaki sentado em zazen. Em geral todos aqueles que fazem um grande esforço como ele se sentem fatigados e não pensam senão no descanso, mas Mestre Sawaki fazia o zazen. Vendo isto, esta velha senhora se prosternou, o que quer dizer que ele havia se tornado buda. Não se dava conta de que estava simplesmente sentado. Este é de fato o “poder sobrenatural”.